

# CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?

**autor(a): Marli da Silva**

e-mail – 71.ms.marli@gmail.com ; UFSM

**Alessandra Jungs de Almeida**

e-mail - ale.jungs@outlook.com; UFSM

**Lisiane Dutra Lopes**

e-mail - lisiane.dutra.lopes@gmail.com; UFSM

**Valeska Fortes de Oliveira**

e-mail - guiza@terra.com.br; UFSM

## RESUMO

O projeto *CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?* faz parte de estudos/pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), que vem trabalhando com ensino e extensão na área de formação de professores. O projeto está em andamento, e optou-se pelo método da cartografia, pois os estudos sob esta perspectiva visam conhecer as potencialidades da relação entre cinema e educação, pensando a Sétima Arte como dispositivo de formação, estruturamos este projeto de pesquisa como uma matriz para o desenvolvimento de estudos bibliográficos, levantamento de dados, Estudo da Arte sobre as pesquisas nacionais e internacionais que abordem a relação entre cinema e educação, encontros de Formação Inicial e Continuada, produções de artigos, fotografias, curta metragens, construção de relações e vivências de professores com o cinema, no que se refere às suas histórias pessoais e profissionais, e às formas pelas quais o cinema nelas se faz presente. Neste sentido, se faz importante o dispositivo "cinema" como provocador na formação de vida nas narrativas dos professores, em suas aprendizagens, sentidos e significados construídos na experiência da participação na formação. Partindo dessa perspectiva, com o aporte da abordagem hermenêutica, busca-se no projeto, entender o que representam as aprendizagens narradas pelos professores, e o que foi observado durante os encontros.

Nos resultados parciais, têm-se a produção de diários dos encontros na escola e com a formação dos professores; oficinas de cinema e educação com professores da Escola Básica; produção de fotografias e de artigos; coleta de dados da relação dos professores com o cinema e educação; realização do “Seminário Formação e Cinema I e II”, promovido na linha de pesquisa “Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional – LP1”, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria; relatos dos professores participantes do projeto, onde, em resultados parciais narram que estão se sentindo pertencentes e motivados ao processo de construção do saber, utilizando-se do dispositivo “cinema” como mediador do processo ensino-aprendizagem e o cuidado de si. Assim como, relatam e reconhecem a dificuldade de interagir de forma interdisciplinar com seus colegas na escola, com o dispositivo “cinema” e os conteúdos curriculares. Motivos estes, decorrido da falta de interesse de seus colegas, o tempo de duração das disciplinas é outra dificuldade apontada pelos professores, a falta de disponibilidade para planejamento pedagógico de aulas interdisciplinares com o “cinema” e os conteúdos escolares.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação. Ensino Superior. Escola Básica. Formação Continuada.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto é decorrente de estudos e atividades desenvolvidas no projeto *CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?*, realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação no Centro de Educação - UFSM, onde ao longo dos últimos vinte e um anos vem trabalhando com pesquisa, ensino e extensão na área de formação de professores, alicerçado no campo teórico do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis (1982). Participam deste grupo alunos colaboradores, bolsistas de Iniciação Científica, mestrandos, doutorandos, professores de escolas da Rede Municipal e Estadual de Santa Maria/RS e do Ensino Superior.

Para discorrermos deste projeto, lembra-se que no ano de 2012, o GEPEIS firmou importante parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na pessoa da professora Inês Assunção de Castro Teixeira, coordenadora do projeto *Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema*, que carrega como problemática central as relações, os enredos, significados, experiências e práticas docentes com o cinema. Dando continuidade ao trabalho, apresentamos uma nova proposta de pesquisa, a partir do tema já conhecido, pela necessidade de aprofundamento dos estudos ao passo que descobrimos cada vez mais a riqueza da relação entre cinema e educação. A diferença de nossa nova abordagem é a escolha da cartografia como opção metodológica. Mas afinal, o que se entende pelo método da cartografia?

Este método é fundamentado na teoria de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1993), que trazem a ideia de pesquisa como conexão de redes ou rizomas. Outros teóricos que partiram deste mesmo conceito de Deleuze e Guatarri vêm trabalhando nas suas pesquisas com este viés metodológico, que também nos auxiliam, como: Rolnik (2007); Barros (2009); Passos, Kastrup e Escóssia (2010). Assim sendo, os estudos sob essa perspectiva se configuram como pesquisa - intervenção, em que o pesquisador faz acompanhamento de processos e percursos, intervindo e mergulhando na experiência, sem fazer distinção entre sujeito e objeto, teoria e prática. A cartografia é o traçado deste plano, atentando para os efeitos do próprio percurso da investigação.

Para alcançar o objetivo de conhecer, através do método cartográfico, as potencialidades da relação entre cinema e educação, pensando a Sétima Arte como dispositivo de formação, estruturamos este projeto de pesquisa como uma matriz para o desenvolvimento de estudos bibliográficos; construção de estudos sobre o Estado da Arte do cinema e educação; encontros de Formação Inicial e Continuada; participação e organização de eventos; produções de artigos, fotografias e curta metragem com os professores da Rede Básica de Santa Maria/RS. Sendo assim, como pensar a *formação que não viu (vê) o cinema?*

## **A FORMAÇÃO QUE NÃO VIU (VÊ) O CINEMA**

Não nos passa a ideia de que possamos relacionar, neste breve texto, cinema com entretenimento. Não que queiramos atribuir qualquer pecha ao entretenimento e sobrelevar o que quer que possa significar coisa séria. É certo que estaremos, por analogia, referindo-nos ao cinema e à formação como o imã e o ferro. Duas telas, portanto, cheias de sequências de cenas. Coisa séria, então: estão em jogo imaginação, fantasia e fabulação. Mais séria ainda quando estas “máquinas” estão em funcionamento, produzindo energia.

Estas duas telas - cinema e formação – formam entre si uma linha condutora desencadeada por uma espécie de magnetismo do arrebatamento. Não duvidemos: é coisa seríssima! Mas antes: de que formação está se falando? Poderíamos estar nos referindo à nossa mais irrestrita formação como pessoas no mundo. Mas para o caso aqui, vamos situá-la no não tão estrito âmbito da docência. Assim, a formação de que se quer falar e ver acontecer no mundo da vida é da pessoa-homem-mulher que se transforma em professor/a e passa a necessitar de intensa formação à pessoa-homem-mulher-docente, inseparável, por sua vez, da formação da pessoa-homem-mulher-aluno-a.

Já o dissemos: há duas telas. Uma é a da vida – análoga ao ferro – e a outra, a da narração, análoga ao imã; uma e outra são duas, mas, por fim, uma só. Uma decorre e outra incorre. Ou seja: uma (ferro) decorre da vida, escoa, transcorre como um rio no tempo e no espaço do dia a dia; a outra (imã) incorre. Melhor: se sujeita a ser pensamento, imaginação. Se incorre, é causa e, portanto, completa

aquela outra metade da vida – a que (apenas) decorre. Mas esta que incorre, outra mesma daquela, não transcorre: transcende. Transcende o rio no seu tempo e espaço diário, e sempre é capaz de torná-lo outro, mas que só para nós é outro, porque a bem de toda verdade é o mesmo sempre. Nós é que criamos o *di-lethos* – dois véus, duas verdades (dialética) para uma multiplicidade. As telas que são duas, então, são uma.

Jamais na intensa imersão de prazer que fizemos com nós mesmos no escuro, na companhia de um filme – claro, daquele tipo inesquecível – pensamos, um só instante, que estávamos sob ou por entre duas telas: uma da vida, outra da imaginação. Se o filme se tornou inesquecível é porque as duas telas, como um decalque, fundiram-se para *produzir* a mais deliciosa vertigem: a de um real fantástico. “Produzir”, acabamos de dizê-lo: eis a *autopoiésis* definida. Condição irremediável para que haja produção: que as duas telas coincidam e sejam uma só.

O imaginário da tela “imã” (cinema) fundiu-se com a tela “ferro” (formação) para documentar o que é afinal a mais cristalina realidade. Moral de uma história destas (seríssima!, repetimos): formação e cinema – decorrência e incorrência – não podem subtrair-se uma à outra. No que deve dar este enredo inicial? De que a falta que faz o cinema às formações da pessoa-homem-mulher-docente e da pessoa-homem-mulher-aluno, é a mesma falta que faz o imã ao ferro. Precisamos que o que incorra, o que cause (o cinema), tenha para si o causado (a formação). A vida-tela que transcorre (a formação) - com suas cenas no dia a dia - sem a vida-tela que transcende (o cinema, a imaginação) e devém o cotidiano não é quase nada. No máximo é um conjunto de circunstâncias movidas a afazeres.

Pensando nessa perspectiva, trazemos uma fala mais intimista, produto de nossas leituras cruzadas entre Gilles Deleuze e Nadja Hermann, buscando aproximações possíveis no sentido de pensarmos como as pessoas vivem o cinema, as emoções, o que isso tudo faz com suas vidas, com o pensamento, a imaginação, com as mudanças de hábitos, e o que elas passam a acreditar que as transforma.

O escuro do cinema, a grande tela... Neste instante, pensamos nessa chave, palavra que não faltará à pesquisa e às nossas escritas: “Emoção”. Por que emoção? Porque ela tanto desperta as pessoas para o que se acostumaram a fazer, como as estimula a experimentarem coisas novas. Partindo da emoção, rastreamos uma estética que atravessa a vida – a emoção estará, especialmente mais intensa, onde a vida vibrar mais forte.

As proposições de uma educação ético-estética conferem à formação a busca de espaços que conduzem o indivíduo para além das hegemonias, dos establishments, quando então ele pode se perceber como autor e construtor de uma vida como obra de arte. Nesse rastro, busca-se investigar as contribuições do cinema à formação da pessoa-homem-mulher-docente, entendendo que a sensibilidade e o olhar para si não podem se restringir ao que em cinema se chama “plano geral”. O “Si” é o primeiro plano – o rosto, o essencial.

A formação da pessoa-homem-mulher-docente necessita ser vasculhada na complexidade da sua urdidura. Uma pessoa que carrega consigo a potência do viver, significações imaginárias sobre o *vivido*, tem o talento (ainda que latente) de ver-se a si. Os sentidos que damos às experiências que nos atravessam não podem ser mensurados, sem o olhar que a estética da existência despeja sobre eles, por sobre a singularidade dos processos de subjetivação, por sobre uma subjetivação docente.

*A formação que não viu (vê) o cinema* – podemos dizê-lo agora – é a docência sem imaginação – o ferro sem o imã; a docência que só decorre, não incorre; a docência órfã; a docência parcial porque sem uma de suas telas (seria um cinema mudo?).

*A formação que não viu (vê) o cinema* é a que se exercita diariamente sem enxergar-se; uma docência cega. Não a cegueira parcial do escuro fértil que nos abrigou em companhia de um filme e fez com que produzíssemos a mais fantástica realidade e tivéssemos direito para sempre ao *inesquecível*, mas a cegueira de um insuportável excesso de lugares-comuns, de expedientes sob roteiros rigidamente pré-determinados.

*A formação que não viu (vê) o cinema* não recupera, não resgata, não reprisa, não revisita, não se exercita, senão em torno de um fim, pois que esquece dos meios: o que vale sempre à essa docência, absolutamente indefesa, é defender-se com um “já passou”. O que salva é terem passados os dias, os anos, a vida. O que lembra essa docência? O esquecível. O quê? Isto mesmo: o esquecível. *A formação que não viu (vê) o cinema* não vê a si – conta de esquecer-se.

A experiência estética na formação da pessoa-homem-mulher-docente possibilita outro olhar aos sentidos que perpassam os sujeitos e que necessitam ser *re-visitados*. Pesquisar esses processos de significação se configura num caminho cheio de possibilidades que confere à formação um lugar propositivo, não apenas estático. Possibilita olhar o professor como um “Si” sensível, que se vê e devém, resistente de por à margem sua subjetividade.

Na tentativa de compreender como o professor dá sentido à sua formação, Hermann (2010) argumenta que a experiência estética dá sentido à formação, pois se relaciona com a nossa capacidade de compreender a realidade pelo viés sensível, incitando movimentos de criação. Hermann (2010, p. 34) aponta para o perigo de uma educação reducionista onde “[...] perdida a sensibilidade, a imaginação e os recursos de uma rica criação de si, a formação ética se desfigurou. De forma caricatural, se materializa nos currículos com um código.”

A singularidade dos sujeitos não pode ser compreendida na perspectiva do *plano geral* cinematográfico – paradoxalmente, na sua generalidade é um imenso fragmento. Por isso, a pesquisa se estreita pelo viés da criação, da experiência estética, da subjetivação do sujeito que aprende sobre/de si e sobre suas vivências formativas. Queremos encontrar saberes que se configuram para além da formação - existem aí processos de recriação, (auto)recriação que remetem à arte de estar na vida em criação, como obra, obra de arte.

Diferentemente, uma vida que só comunica, que vive de comunicar – “comunico que, faço tal, penso assim, ajo por, sinto como, reajo para, resolvo que, destino as coisas para”, bem pode ser uma vida pobre de conceitos. Nada nela se (auto)recria. Uma vida comunicante é uma vida que decorre da informação, da comunicação.

Por outro lado, uma vida que necessita ver-se a si, que necessita causar-se, que incorre a si, que necessita dos atributos do inesquecível e os conceitos novos que ele traz, uma vida assim é a de uma *formação que viu (vê) o cinema* – uma formação para si, por si, em si, de si. Uma singela obra de arte. Dessa forma, voltar o olhar às práticas culturais dos docentes no Brasil se afigura como uma forma de pensá-los a partir do seu contexto cultural. É assim que os estudos e pesquisas sobre o imaginário nas ciências sociais e educação se voltam para o conhecimento das trajetórias histórico-culturais que levam a determinadas atitudes - “[...] trazem para a análise a dimensão simbólica das relações, das instituições, do cotidiano, das criações sociais, da realidade.” (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Isto significa pensar a instituição escolar como que movida por um processo dinâmico em que as mudanças sociais são assimiladas e transformadas em reflexão. A concepção da cultura como algo que está no cotidiano e que deve ser incorporado pela própria escola diz respeito à dimensão instituidora da mesma. Se, ao contrário, o sistema educativo acreditar que está aquém da vida daqueles mesmos que o constituem, isto pode significar que a dimensão instituída está se sobrepondo à dimensão instituidora.

Ao mesmo tempo, ao falar da dimensão cultural da educação, não se pode esquecer que tal dimensão se encontra diretamente relacionada aos aspectos econômico-sociais, visto que a produção simbólica de uma sociedade passa, necessariamente, pelos modos com que ela se relaciona com todas as suas dimensões. Portanto, fazer referência às práticas culturais dos professores é também refletir sobre a dimensão econômico-social em que os sujeitos estão inseridos. Com isto, indaga-se em que medida o acesso à cultura é permitido dada a realidade dos docentes.

Em uma sociedade permeada pelas diferenças não existe mais lugar à homogeneização, pois é intensa a inserção dos indivíduos em uma estrutura social por meio de uma hibridização que se realiza das mais diversas formas. Ao transpor este modelo para a educação, observa-se que ele se traduz através da reprodução de modelos e teorias educativas que muitas vezes acabam fracassando em vista de uma insuficiente reflexão sobre a sua eficácia frente aos contextos escolares.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS DO CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?**

O desenvolvimento do projeto, *Cartografando experiências formativas com cinema: até onde a sétima arte pode chegar?*, prevê, com as parcerias institucionais, o acompanhamento das relações e potencialidades de se pensar o cinema como dispositivo de formação dos professores. Para tanto, como

metodologia busca-se na cartografia a ideia de pesquisa como acompanhamento de percursos, como um caminho contínuo, de caráter coletivo, em que para conhecer precisamos mergulhar no plano e acompanhar os processos, intervindo.

Neste sentido, a pesquisa se desenvolve com o acompanhamento dos grupos de formação, para responder as questões: Como o cinema, hoje, engendra-se nos cenários e enredos da escola, da docência e da formação como um todo? Por que falar e pensar o cinema na educação, na escola, na docência, no cotidiano da escola e nos processos educativos? Porque o cinema integra as mídias contemporâneas, nas quais as novas gerações estão enredadas. Questões como estas são as que busca-se compreender no desenvolvimento das ações do projeto, com o auxílio do método cartográfico.

Busca-se acompanhar as narrativas de gênero, de diversidade étnico-racial, de orientação sexual, infância e adolescência, inclusão, com isso objetivando atender as questões postas na formação, o que remete, ao trabalho com as biografias e (auto) biografias dos professores e dos acadêmicos em Formação Inicial e Continuada, mediadas pelo dispositivo do cinema.

Encontramos na cartografia uma referência para construir caminhos e métodos compartilhados entre os grupos integrantes da pesquisa, pois é um conhecimento produzido de forma compartilhada a partir da problematização acerca do cinema como dispositivo de formação docente capaz de produzir experiências estéticas, biográficas, (auto)biográficas e pedagógicas.

Ao assumirmos epistemologicamente o princípio que a pesquisa-formação é com os professores e não sobre eles, institui-se um outro compromisso ético com a pesquisa em educação, afastando-se de lógicas e perspectivas denunciadoras das faltas, das mazelas, do que não têm sido feito, do que não tem acontecido. Mobilizando outra lógica de investigação, onde a implicação de todos garante a realização de experiências estéticas mediadas pelo cinema, potencializadoras de outros projetos de formação e de produção de conhecimento. Pode-se, ainda, caracterizar nossa proposta de investigação com a prática de pesquisa, pois:

Acreditamos que a cartografia, pela indissociabilidade que opera entre pesquisa e intervenção, indica essa possibilidade de construção de domínios coletivos e metaestáveis, para além da mera observação ou descrição de realidades coletivas (ESCÓSSIA E TEDESCO, 2010, p.100).

Neste sentido, as biografias e autobiografias dos(as) professores(as) põem em evidência os registros significativos dos desafios de conhecimento com os quais se implicaram ao longo dos exercícios e experiências estéticas mediadas pelo cinema. Através da voz do(a) professor(a) nos aproximamos das recordações-referências, propiciando-lhes um diálogo consigo mesmo e a reflexão sobre se esses registros lhes expressam ou podem ser desconstruídos/reinventados (OLIVEIRA, 2006, p. 185).

Ainda, essas características trazidas pelas autoras demonstram o caráter contínuo do método, que diferente de outras abordagens, não faz separação dos momentos, como a coleta, análise e resultados. No caso da cartografia, tudo acontece ao mesmo tempo e os momentos estão interligados. Dessa forma, concomitantemente os dados serão analisados e pensados com a ajuda da abordagem hermenêutica, própria à compreensão de fenômenos que envolvem aprendizagens. A este respeito, Delory-Momberger (2008, p. 27), discorre:

A percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõem uma figuração do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular. Essa atividade de biografização aparece assim como uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo.

Sendo assim, busca-se nas narrativas dos professores, em suas aprendizagens, sentidos e significados construídos na experiência da participação na formação, o exercício reflexivo de suas vivências naquele espaço, o “olhar para si”, a importância do dispositivo como provocador na formação de suas vidas. Mas, como se constitui esse entendimento?

Para entendimento de um contexto, de um grupo, do outro, é importante pensarmos nossas próprias vivências, pois “[...] o princípio mesmo de uma ciência *humana* constrói-se com base na autorreflexão e na auto interpretação que o homem é capaz de realizar sobre si mesmo a partir de sua própria experiência de vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 57). Partindo desta perspectiva, com o aporte da abordagem hermenêutica, busca-se, entender o que representam as aprendizagens narradas pelos professores e o que foi observado durante os encontros.

Dessa forma, destaca-se a eficácia dessa metodologia em pesquisas sociais, como é o caso da Educação, em que encontramos ambientes múltiplos, com intensidades que merecem olhares mais sensíveis, aos quais não deixa escapar muitos detalhes e não limita os resultados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pensa-se que se faz importante o dispositivo “cinema” como provocador na formação de vida nas narrativas dos professores, em suas aprendizagens, sentidos e significados construídos na experiência da participação, na formação, sendo que nossa pesquisa visa afirmar o compromisso da universidade com a comunidade escolar santamariense, por meio da interlocução com os professores e as escolas desafiando-os a pensar nas potencialidades da relação entre cinema e educação, tendo em vista a Sétima Arte como dispositivo de formação.

Dessa forma, chamamos a atenção de que os resultados da pesquisa são parciais, sendo que, até o presente momento, realizamos a seleção de cinco bolsistas de Iniciação Científica; contatos iniciais com os professores colaboradores da pesquisa e a escola; coleta de dados da relação dos professores com o cinema e educação em Santa Maria/RS; realização do “Seminário Formação e Cinema I e II” promovido na linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional – LP1, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria; a construção do curta *Cinegrafando...*; dois encontros de Cinema Itinerante nas escolas da Rede Básica de Santa Maria/RS; participação em eventos com produção de artigos/oficinas, e a organização do IV ENCONTRO OUVINDO COISAS E III ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: SONS DA VIDA, AUTOBIOGRAFANDO HISTÓRIAS, evento este, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2014, na Universidade Federal de Santa Maria.

Destaca-se, também, que a partir de narrativas dos professores envolvidos na pesquisa, eles sinalizam que estão sentindo-se motivados e pertencentes nos processos de constituição do saber, mediado pelo dispositivo “cinema” e a educação através de nossa proposta. Assim como, relatam e reconhecem a dificuldade de interagir de forma interdisciplinar com seus colegas, o dispositivo “cinema” e os conteúdos curriculares. Motivos estes, decorrido da falta de interesse, tempo de duração das disciplinas, baixos salários, e disponibilidade para o planejamento pedagógico de aulas interdisciplinares com o cinema e a educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Ada. **El mundo interior de los enseñantes**. Barcelona: Gedisa, 1982.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. In: **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.1994.
- BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRASIL**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, DF, 15 out. 2003. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2012.
- CASETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Cómo analizar un film**. 1º Edição. Barcelona, p. 278. ES: Ediciones Paidós, 1991.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. RJ: Paz e Terra, 1982.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**, 1987. Disponível em [http://www.dossie\\_deleuze.blogspot.com.br/](http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/). Acesso em: 12 jan. 2012.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; SP: Paulus, 2008.
- DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; SP: Paulus, 2010.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. BH: Autêntica, 2002.
- EIZIRIK, Marisa. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- FANFANI, Emilio T. **La condición docente: Análisis comparado de la Argentina, Brasil, Peru y Uruguay**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.
- FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. 1ª ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A história da Sexualidade: o cuidado de si**. RJ: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito**. 2 ed. SP: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Hermeneutica del sujeto**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1987.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. SP: Ed. 34, 1993.
- GUTFREIND, C. F. Cinema: uma forma de tradução do pensamento. In: **metodologias e pesquisas**. Coleção comunicação 33. POA: Edipucrs, p. 214, 2005.
- HELL, Victor. **A idéia de cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- BIAPINA, Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Vol. 17, Líber: Editora, 2009.
- JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. SP: Cortez, 2004.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. POA: ArtMed. 2006.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica e Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Líber, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. 1º Edição. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. 295 p.
- MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. SP: Loyola, 1996.
- MOURÃO, Maria Dora. *Algumas reflexões sobre o cinema, o audiovisual e as novas formas de representação*. Revista FAMECOS: Sessões do Imaginário, 7: p 49-52, 2001.
- NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; SP: Paulus, 2010.
- NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, A. (org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1995.
- OLIVEIRA, Valeska F. de. A Formação de Professores Revisita os Repertórios Guardados na Memória. In: OLIVEIRA, Valeska F. de (Org.) **Imagens de Professor: Significações do Trabalho Docente**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2000.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *Narrativas e Saberes Docentes*. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- OLIVEIRA, Vânia F. de. **Territórios da Formação Docente: O Entre-lugar da Cultura**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. POA: Sulina, 2010.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ª ed. SP: Cortez, 2002.
- PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; SP: Paulus, 2010.
- SOUTO, M. et. al. **Grupos y Dispositivos de Formacion**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/ Facultad de Filosofía y Letras: Ediciones Novedades Educativas, 1999.
- SOUTO, M. **Repensando la formación: cuestionamientos y elaboraciones**. (texto digitado – Aceptado para publicar em la Revista N. 1 de Educación de Palermo), 2007.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 4º Edição. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2010. 398 p.

TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. POA: Sulina, 2009.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. 1ª Edição. P. 174. SP: Summus, 1997.

<http://portal.inep.gov.br> . DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.